

Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Culturas e história dos povos indígenas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertencem a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absolutos, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6682016091

CAPÍTULO 2..... 13

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

DOI 10.22533/at.ed.6682016092

CAPÍTULO 3..... 23

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

DOI 10.22533/at.ed.6682016093

CAPÍTULO 4 37

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

DOI 10.22533/at.ed.6682016094

CAPÍTULO 5..... 51

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6682016095

CAPÍTULO 6..... 63

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

DOI 10.22533/at.ed.6682016096

CAPÍTULO 7	77
CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO	
Karen Francis Maia	
Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.6682016097	
CAPÍTULO 8	88
DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS	
Aida Brandão Leal	
Rafaela Werneck Arenari	
Janaína Mariano César	
DOI 10.22533/at.ed.6682016098	
CAPÍTULO 9	97
TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE	
Regina Cláudia Moraes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6682016099	
CAPÍTULO 10	107
AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA	
Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
DOI 10.22533/at.ed.66820160910	
CAPÍTULO 11	119
ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”	
Dilma Costa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66820160911	
CAPÍTULO 12	132
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE	
Alberto Reani	
Josélia Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66820160912	
CAPÍTULO 13	146
O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR	
Carolinne Melo dos Santos	
Anna Erika Ferreira Lima	
Ana Cristina da Silva Moraes	

Mateus de Castro Ferreira
DOI 10.22533/at.ed.66820160913

CAPÍTULO 14..... 160

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta
Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

CAPÍTULO 15..... 175

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

CAPÍTULO 16..... 187

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

CAPÍTULO 17..... 202

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita
Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

CAPÍTULO 18..... 218

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

CAPÍTULO 19..... 229

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

CAPÍTULO 20..... 238

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos
Nancy Zarate Castillo

DOI 10.22533/at.ed.66820160920

CAPÍTULO 21.....248

A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO’ NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII

Antonio Martins Ramos

DOI 10.22533/at.ed.66820160921

CAPÍTULO 22.....258

INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA

Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco

Divane de Vargas

DOI 10.22533/at.ed.66820160922

CAPÍTULO 23.....271

PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK

Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro

DOI 10.22533/at.ed.66820160923

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283

ÍNDICE REMISSIVO.....284

CAPÍTULO 10

AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA

Data de aceite: 01/09/2020

Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza

Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
Curso de Comunicação Organizacional
Curitiba - Paraná

Carolina Fernandes da Silva Mandaji

Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
Curso de Comunicação Organizacional
Curitiba - Paraná

RESUMO: Esse artigo tem como intuito refletir sobre o papel do audiovisual produzido por indígenas entendendo-o como meio de comunicação e expressão atuante na preservação da memória cultural e identitária dos povos indígenas. A partir dos curtas “Jakaira, o dono do milho branco” e “Jerosy Puku, o grande canto”, produzidos e dirigidos por Ademilson “Kiki” Concianza - índio Guarani Kaiowá, da aldeia Panambizinho, em Dourados – é possível abordar os conceitos de cultura, identidade e cinema indígena (BARROS, 2019; HALL, 2003; STAM, 2013), a partir de uma leitura audiovisual cuja expressão possibilita o registro e conservação de tradições.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual, Cultura, Identidade, Cinema indígena.

AUDIOVISUAL AND INDIGENOUS CULTURE IN SHORTS FILMS OF ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA

ABSTRACT: This article aims to reflect on the role of audiovisual produced by indigenous people, understanding it as a means of communication and active expression in the preservation of the cultural and identity memory of indigenous peoples. From the short films “Jakaira, the owner of white corn” and “Jerosy Puku, the great song”, produced and directed by Ademilson “Kiki” Concianza - Guarani Kaiowá Indian, from the village Panambizinho, in Dourados - it is possible to approach the concepts of culture, identity and indigenous cinema (BARROS, 2019; HALL, 2003; STAM, 2013), based on an audiovisual reading whose expression enables the recording and conservation of traditions.

KEYWORDS: Audiovisual, Culture, Identity, Indigenous cinema.

1 | INTRODUÇÃO

É característico do ser humano a produção de meios para se comunicar, transmitir conhecimentos e ser compreendido. Ao longo da história da humanidade, foram vistas e desenvolvidas linguagens e artes que demonstravam o quão essencial eram esses processos que contam histórias de um povo. Com a introdução de novas tecnologias, as maneiras de dialogar foram sendo renovadas e reinventadas, atualizando-se para novas possibilidades de comunicar-se e expor as

realidades vivenciadas também por diferentes linguagens.

A linguagem audiovisual materializada pelo cinema, pela tv e pelo vídeo e agora, pelos novos formatos digitais, é uma das linguagens que permite e contribuiu para nossa compreensão da história. Bernardet e Ramos (1988, p. 8) entendem que o cinema - como outras artes -, nos ajudam a compreender o imaginário de uma sociedade. “As artes, neste enfoque, são um sismógrafo que lança suas ondas nas camadas mais fundas do presente, do passado e do futuro”.

Nesta concepção, as marcas do contexto de produção dos filmes – os autores relacionam às produções cinematográficas brasileiras de temas históricos – em sua maioria ocultam contradições, reproduzem uma filosofia da história e estética conservadoras dominantes, sem a permissão de deslocamentos ideológicos. Para os autores, essa ruptura é “algo que constrói socialmente” (BERNARDET, RAMOS, 1988, p.9).

Ao tratar de temáticas indígenas, seja filmes, curtas ou longas, que circulam ou não no ambiente digital, filmes produzidos por indígenas (objeto central que nos interessa neste trabalho) impõe ao contexto atual esses deslocamentos e/ou contradições e novas formas de representação da cultura indígena. Como nos diz Barros, trata-se de uma realidade percebida e interpretada que funciona como meio de representação:

Vale dizer, o cinema é produto da História – e, como todo o produto, um excelente meio para a observação do lugar que o produz, isto é, a sociedade que o contextualiza, que define a sua própria linguagem possível, que estabelece os seus fazeres, que institui as suas temáticas. Por isto, qualquer obra cinematográfica – seja um documentário ou uma pura ficção – é sempre portadora de retratos, de marcas e de indícios significativos da sociedade que a produziu. (BARROS, 2007, 21)

Deste modo, podemos buscar nos meios comunicacionais audiovisuais produzidos por indígenas – bem como a linguagem utilizada por eles – esses “indícios” dessa sociedade que o produziu, cujo resgate nos irá apresentar suas relações sociais e práticas culturais. Segundo o historiador francês Marc Ferro, são os pioneiros do cinema que interviram na história com suas representatividades (FERRO, 1992, p.13) revelaram também os silêncios de sujeitos sociais cujas falas, muitas vezes, não eram ouvidas, vistas ou documentadas.

O caminho proposto por Ferro está em conceber a imagem enquanto documento histórico que expõe os modos de vida e suas diversas maneiras de resistir. É possível relacionar com o gênero documentário de temática histórica que Bernardet e Ramos (1988, p. 17) propõe como modalidade de discurso. Os autores o chamam de “construção” de realidade, em detrimento da “reprodução” da realidade, filmes que se utilizam de estética naturalista, cuja finalidade retorna às visões únicas e ideologias dominantes.

Diante dos apontamentos iniciais, propomos como foco desse artigo adentrar no universo de produção audiovisual realizada por indígenas como agentes na preservação de suas práticas culturais. Assim, através dos conceitos de cultura e representações da

identidade indígena, chegaremos às características identificadas nos curtas metragens “Jakaira, o dono do milho branco” e “Jerocy Puku, o grande canto”, produzidos e dirigidos por Ademilson “Kiki” Concianza - índio Guarani Kaiowá, da aldeia Panambizinho, em Dourados

2 | CONTEXTUALIZANDO A CULTURA E AS REPRESENTAÇÕES

Ao transcorrer sobre cultura e seus significados, pode-se ver que, no campo da antropologia, não há uma ideia homogênea sobre a definição desse termo. Roberto da Matta, em seu livro “Uma Introdução à Antropologia Social”, afirma que as Ciências Sociais estudam fenômenos complexos, caracterizados como eventos humanos, sob circunstâncias e fatos que aconteceram e acontecem, do “próprio ser humano no social”. As pesquisas abrangem as relações entre as tradições dos povos e significações a partir dela, ao elencar o ser humano como ator e transformador do local onde vive. Matta afirma que um dos desdobramentos da Antropologia Cultural percorre os feitos técnicos, tais eles como os monumentos, obras de arte, moradias e armas.

Essa visão instrumentalista da cultura como um tipo de reação de um certo animal a um dado ambiente físico deve ser substituída por uma noção muito mais complexa e generosa, por uma visão realmente muito mais dialética e humana. A de que a cultura e a consciência que a visão sociológica nela contida deve implicar situar o homem muito mais do que um animal que inventa objetos, chamando atenção para o fato crítico de que ele é um animal capaz de pensar o seu próprio pensamento. (MATTA, 1981, p. 32)

Portanto, é possível ver que a instrumentação da cultura não está atrelada apenas ao fato de que o ser humano produz, mas sim nos significados que ele atribui à essa produção. O termo cultura foi visto pela primeira vez em 1877, por Edward Tylor, o qual utilizou “cultura” para abranger os produtos comportamentais, espirituais e materiais da vida social humana. A partir disso, conceitos sobre sociedades possuintes de culturas e outras não possuintes, foram sendo abordados, principalmente, por pesquisadores europeus no século XIX.

Deste modo, a expressão foi associada aos avanços e destrezas que um certo povo possuía, como um resultado dos fatos marcantes na história desse grupo, interligado com as aquisições e vitórias. Durante muito tempo, essas sociedades foram tidas como àquelas que possuíam, de maneira superior, capacidade técnica e intelectual de produções culturais, artísticas e, mais tarde, midiáticas. Tratava-se do Etnocentrismo cultural que acabava por diminuir os demais povos e sociedades, inclusive às que foram submetidas às colonizações (LEVI-STRAUSS, 1952)

O antropólogo Franz Boas, no começo do século 20, fez reflexões adversas às correntes de sua época que generalizavam a cultura, associando-as aos feitos de grandes nações. Para o autor, cada grupo social possui suas particularidades, àquilo que

era característico e exclusivo de cada cultura. Boas foi contra hierarquizar o domínio, evidenciando as diferenças de maneiras únicas e especiais, criando então o conceito de que existem diversas culturas - que são feitas a partir da vivência singular no social de cada grupo, que partilhamos para refletir sobre os curtas produzidos por “Kiki” Contanza.

Pensemos, então, que cada grupo social possui suas próprias especificações culturais e que cada particularidade é relevante. Indo além convém lembrarmos também que nem todos os povos são respeitados por suas singularidades e identidades culturais, ou que as suas tradições são preservadas perante as constantes modernizações e massificação vivenciada na pós modernidade (HALL, p. 10-16, 2003).

O cientista social Stuart Hall discorre sobre as mudanças das sociedades modernas e o que isso resulta em transformações. Ao citar Giddens no contexto da globalização – a qual trouxe a maior interação e conexão entre diferentes povos e culturas -, ressalta o impacto da pluralização de identidades. O autor afirma que a identidade no contexto da pós-modernidade muda de acordo com a forma que o sujeito é representado, e que isso está interligado ao pertencimento a uma cultura nacional, também conectada aos processos de mudança da globalização. Para ele, a identidade nacional é formada dentro da representação.

Ainda assim, ressalta o conceito de nação não apenas como um território político, mas como um produtor de sentidos em um grupo e de um sistema complexo de representações - as quais são um conjunto de significados. “Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 2003, p. 51).

Mas, afinal todos os povos são representados? Hall afirma que nem todos os povos são representados em suas imagens e que suas memórias são guardadas. Só com a emergência de atores sociais antes marginalizados é que foi criada “a política de identidade - uma identidade para cada movimento social”.

No audiovisual tal reivindicação representativa também foi sendo construída. Em momentos diversos da história, o audiovisual (repercutindo os diferentes meios de comunicação que o utilizam) foi tido como clássico, moderno e até pós-moderno. Aumont falando do cinema e do conceito da modernidade no cinema (2008, p. 43) comenta sobre o que, segundo ele foi um manifesto de uma modernidade cinematográfica, escrito por Jacques Rivette e intitulado “Carta sobre Rossellini”. O texto, de acordo com o autor possuía três hipóteses principais: a) a liberdade do cineasta que não se conforma com nenhum estético-formal; b) a evidência do mundo com um cinema de ideias, de seres que são, de “encarnação”; c) um cinema de olhar ativo, vidente, anti-clássico e contrário do cinema em que o autor é onisciente (AUMONT, 2008, pp. 43-44). Tais hipóteses sobre aquele cinema europeu, repercutiu e influenciou produções de outras nações, tal disseminação num modo de pensar diferente e emergente para outras nações. Um desses movimentos – que, de acordo com Stam “não foi visto como constitutivo da história da teoria do cinema

“universal” (grifos do autor) – leia-se eurocêntrica” (2013, p.121), mas que ficou conhecido como cinema do Terceiro mundo. Stam explica:

Os manifestos dos anos 60 e 70 valorizaram um cinema alternativo, independente e anti-imperialista mais preocupado com a militância do que com a autoexpressão autoral ou a satisfação com o consumidor. Na teoria do cinema terceiro-mundista, os temas dos métodos de produção, da política e da estética se entrelaçam de uma maneira inextricável. A ideia foi transformar a debilidade estratégica – a falta de infraestrutura, de recursos e de equipamento – em uma força tática, convertendo a pobreza em símbolo de honra e escassez [...] A expectativa era poder dar expressão a temas nacionais em um estilo nacional. (STAM, 2013, p. 120)

Mais uma vez a expressão do diferente, do contraditório pede lugar na produção cultural audiovisual, sinalizando uma possibilidade às nações, grupos e/ou atores sociais marginalizados. Quando falamos, assim, em um desses grupos que sofrem discriminação e preconceitos por suas características étnicas, culturais e sociais que foram postas em locais de diferenças e desigualdade:

O sentimento de exclusão e o fato de não poderem decidir sobre suas próprias vidas levam muitos grupos indígenas a lutar pela emancipação, pela incorporação social, luta empreendida pelos marginalizados em torno de um sistema de valores comuns, de um sentimento de pertença coletiva. Com frequência é esse sentimento de exclusão que leva os indivíduos a se reconhecerem como possuidores de valores comuns e a se perceberem como um grupo à parte. (LOPES e CORREA, p.483, 2008)

Desde o período colonial brasileiro (mas também na história mundial), os indígenas são vistos por essa ótica histórica, em que foram submetidos aos padrões do colonizador e de uma cultura ocidental. Para Marés (1983), a identidade do índio pertence à sua própria nação, visto que as políticas públicas brasileiras não foram constituídas levando em consideração a singularidade existente das culturas indígenas, uma vez que as mesmas carregam seus símbolos e valores únicos e distintos. O antropólogo indígena Gersem Baniwa ressalta - com base na citação abaixo - que os povos nativos são pilares socioculturais da formação da identidade brasileira, portanto, devem desfrutar dos direitos da cidadania brasileira, sem que isso signifique “abrir mão de seus modos próprios de vida”.

Ser o índio um cidadão brasileiro, portanto, é uma ficção. Os índios não constituíram a Nação brasileira. Para adquirir essa cidadania são obrigados a perder a sua identidade, deixar de ser índio; visto por esse lado, o índio é cidadão brasileiro por naturalização. Enquanto o índio mantiver sua identidade cultural, pertencerá a uma nação diferente da nação brasileira, será Guarani, Nambikuára, Yanomami, Pataxó etc., porque cada uma dessas nações tem suas normas fundamentais de funcionamento estabelecidas há mais tempo do que as regras adotadas pela Constituição brasileira. E é o estabelecimento dessas regras e sua obediência que realmente definem o cidadão. Não pode ser considerado cidadão aquele que não estabeleceu as regras fundamentais do convívio social. Os índios não estabeleceram o convívio social, mas sim as

Ciente dessas relações estabelecidas entre o índio e o não-índio, Dantas define o conceito de cidadania indígena como um “espaço e um instrumento” só possível a partir do diálogo intercultural. Para o autor, essa cidadania precisa ser:

diferenciada, multicultural, dinâmica, criativa e participativa no sentido de construir os direitos diferenciados indígenas e, como consequência, criar, também, contextos plurais e heterogêneos onde a convivência democrática possibilite o desenvolver das ações da vida sem opressão, sem exclusão. (DANTAS, 2005, p. 186)

Como sabemos que essa ainda não é uma realidade, temos exclusões, marginalizações e desvalorizações da cultura indígena, por isso a importância de preservar a identidade indígena através, por exemplo, da representação de suas tradições, cultos e hábitos por meio das diversas formas de expressão. Como uma dessas tentativas de garantir a cidadania indígena, por meio da manutenção de sua identidade e do diálogo intercultural, citamos dois projetos: o primeiro chama-se projeto “Vídeo nas aldeias”¹, criado há mais de 30 anos, pelo franco-brasileiro Vincent Carelli junto à ONG Centro de Trabalho Indigenista, com uma primeira oficina de formação, na aldeia Xavante de Sangradouro, em Mato Grosso (REVISTA ZUM, 2017).; o outro trata-se do projeto “Cinema Indígena e Produção Audiovisual na Casa de Trânsito Sateré Mawé” (Parintins-Amazonas), realizados com o apoio financeiro e logístico da Pró-Reitoria de Extensão e Interiorização (PROEXTI), Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Entendendo o cinema e os demais audiovisuais, reforçamos o que disse os autores Nunes, Silva e Santos Silva sobre os próprios indígenas poderem utilizar:

[...] a linguagem e o recurso audiovisual para contar suas histórias, lutas, mitologias, além de apresentar uma reflexão sobre como o recurso fílmico; que uma vez inserido e apropriado pelas comunidades, pode ser utilizado como fonte de reconhecimento, de valorização, de revitalização, de ressignificação, de registro e de difusão culturais, deslocando os processos de produção das representações indígenas do exclusivo controle produtivo –técnico e tecnológico– e do consumo, pela sociedade envolvente, para as mãos dos próprios indígenas. (NUNES, SILVA, SANTOS SILVA, 2014, 57)

Além disso, outra iniciativa foi organizada pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) que selecionou mais de 80 filmes para a realização do Festival de Cinema Indígena Online, realizado no mês de junho de 2019. Tal evento foi mais uma iniciativa para difundir a produção audiovisual indígena, abordando temas como resistência, preservação do patrimônio cultural e educação. Diante da

1 “Nos últimos anos, a ONG Vídeo nas aldeias, em parceria com o Ministério da Cultura do Brasil e a Petrobras, promoveu, nos últimos anos, oficinas e encontros com diferentes grupos indígenas em todo o território brasileiro. Esse trabalho teve como resultado a coleção constituída por cinco DVDs intitulada “Cineastas Indígenas: um outro olhar”, composto por produções cinematográficas dos grupos Kuikuro, Huni Kui, Panará, Xavante e Ashaninka” (NUNES, SILVA, SANTOS SILVA, 2014, 56).

apresentação dos conceitos e desses cenários que envolvem essa produção audiovisual, torna-se possível discutir a seguir os curta metragens dirigidos por Ademilson “Kiki” Conciánza.

3 I “JAKAIRA, O DONO DO MILHO BRANCO” E “JEROZY PUKU - O GRANDE CANTO”

Durante o evento *Entre Algumas Outras Tecnologias* promovido pela Universidade Tecnológica Federal Do Paraná, no ano de 2019, na Cinemateca de Curitiba, em roda de conversa sobre ancestralidade e memória, foi possível ouvir Ademilson “Kiki” Conciánza, indígena Kaiowá da aldeia Panambizinho, em Dourados, fazer um relato sobre suas produções audiovisuais indígenas e também sua experiência como membro da Associação Cultural de Realizadores Indígenas de Mato Grosso do Sul – ASCURI.

É importante avançarmos na leitura e discussão dos curtas “Jakaira, o dono do milho branco”, lançado em 2019 e disponível no canal do Youtube do Coletivo de Cinema Maxakali do Pradinho e “Jerosy Puku - O Grande Canto”, ambos dirigidos por “Kiki”.

As temáticas abordadas nos filmes apresentam a tradição de cultivar a divindade Jakaira, dono do milho que, segundo as tradições da cultura indígena, criou e abençoa as terras com fertilidade nas plantações. Em pesquisa realizada na aldeia Panambizinho, Izaque João (2011, p. 13), historiador e indígena Kaiowá, explica que “o jerosy puku (canto longo), é a prática do ritual de batismo do milho saboró (ou milho branco), conhecido em botânica pela nomenclatura *Zea Mays*”. O autor descreve como o ritual é feito: cantado em círculo, no sentido anti-horário, e com canções que exaltam a divindade. Essa festividade é um encontro anual para celebrar e batizar o milho saboró.

O curta Jakaira nos guia por esse ritual, apontando para a preservação do ser e da identidade Kaiowá. Com elementos do cotidiano, depoimentos e tradições, ambos os curtas exaltam a necessidade da preservação da memória e dos sentidos. Evidenciando a importância da cultura e tradição das tribos indígenas, apresentadas pelos próprios indígenas nas várias etapas da produção de um audiovisual.

Em entrevista à Escola de Cinema Darcy Ribeiro, assim como no evento, Ademilson afirma que o filme é uma maneira de mostrar a verdadeira realidade dele e da aldeia, por isso buscou a formação em audiovisual para fazer documentários que narram a história da sua tribo. Essa foi uma maneira que encontrou para “ajudar seu povo, dando voz aos moradores da aldeia a partir de suas filmagens”, conforme diz. Para o diretor é importante que as próprias pessoas de sua terra possam contar suas perspectivas sobre cultura e tradições, e ainda mais importante, que os próprios indígenas façam seus materiais de preservação cultural, pois “ninguém chegou lá para fazer um documentário ou vídeo, ninguém chegou lá para divulgar e mostrar a realidade” (ESCOLA DE CINEMA DARCY RIBEIRO). Nos depoimentos gravados nos curtas, é evidenciado tal conteúdo para a

preservação e valorização da cultura Kaiowá.



Imagem 1: Print de Depoimento

Fonte: Jerosy Puku, o grande Canto (2014).



Imagem 2: Print de Depoimento

Fonte: Jerosy Puku, o grande canto (2014).

Também são vistos aspectos na filmagem que identificam os curtas como um arquivo histórico e cultural de representação. Serão relatados 3 aspectos observados neste trabalho. Porém, há diversos outros elementos que compõem tal estruturação. São eles: a valorização do áudio em cenas específicas; locais da gravação; e, posição da câmera:

Sobre a valorização do áudio, em vários trechos do filme podem ser observados elementos naturais do cotidiano da tribo, como por exemplo a chuva, animais como galinhas, ruídos do vento, pessoas falando. Esses sons, mesmo quando as pessoas estão entoando os cantos são mais altos, ainda podem ser ouvidos. Tal expressão exalta a

realidade e a natureza daquilo que está sendo gravado.

O som do chocalho e dos instrumentos durante a cerimônia, junto ao som dos cantos - que são muito presentes - ganham destaque durante os curtos, retratando aspectos marcantes dessa cultura, marcando a importância de sua representada. Costa explica que os modos de pensar e experimentar o mundo pelos Maxakali “se dão a partir de relações que estabelecem e atualizam com os yãmĩyxop, os “povos-cantores”, ou “povos-encantados” que adensam seu universo. É com eles que caçam, cantam, brincam e realizam curas (COSTA, 2015, p. 77). É como a tradição do culto e das celebrações é vivida e ouvida, como e através dos sons que emitem.

Os locais onde as gravações ocorrem são pontos-chaves de representação da realidade do cotidiano e também das tradições e culturas dessas tribos indígenas representadas. O filme é situado na aldeia e mostra alguns aspectos da plantação, ligada ao Jakaira e ao local onde fazem seus rituais de batismo. Os planos mostram de forma mais aproximada os rituais, com a apresentação de uma casa onde são realizadas as rezas para as rodas e cantos. Além disso, o espectador vai sendo guiado visualmente pelas pessoas, e também pelo som também por meio dos seus cantos. Os planos sequência (sem cortes no processo de produção e de montagem) apresentam uma ação contínua da cerimônia dos rituais – sem a interferência, inclusive, de iluminação artificial -, o que acaba por intensificar os efeitos produzidos.



Imagem 3: Print de Pessoas Entrando na Casa de Reza

Fonte: Filme Jakaira, 2019.

O posicionamento da câmera em algumas cenas que mostram o ritual, acompanham os movimentos das pessoas rezando, alternando com planos fixos, nos quais as ações ocorrem ao seu redor. Quando o espectador é guiado pelo movimento da câmera, há a sensação de que fazemos parte da cena, acompanhando o ato apresentado. Já na segunda

opção, são planos com ângulos mais elevados (plongée), planos médios e abertos que mostram os movimentos que ocorrem na tradição.



Imagem 4: Print de plano plongée durante reza

Fonte: Filme Jakaira, 2019.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo não é o primeiro a tratar da temática, e esperamos que muitos outros venham abordar tal importância. Há inúmeros tópicos para serem explorados e muitos sentidos a serem exaltados.

Visto tais aspectos de conteúdo e expressão dos filmes, combinados com a fala do diretor, pode-se ver que o audiovisual se tornou uma oportunidade de relatar a realidade de suas tradições, realçando e nos lembrando o quanto ainda é necessário abordar sobre a narrativa indígena. Durante a roda de conversa, o diretor dos curtas relatou que o filme é uma maneira de fazer com que as pessoas não esqueçam os ritos. Para ele, ao assistirem, elas também compreendem e atribuem sentido, mantendo-os vivos para as próximas gerações.

A representação que Stuart Hall enfatiza, adjacente aos sentidos da união das histórias do passado, do presente e do futuro podem ser vistas nos curtas. Como dito anteriormente, a função faz parte da construção da identidade cultural pertencente a uma nação.

Enfatizamos que a representatividade no cinema e no audiovisual é um ponto chave para que tais atores sociais possam exercer seus direitos e passem a ter mais visibilidade. Ora, trata-se de uma maneira de resistir, refletir, guardar e criar antigas e novas memórias.

REFERÊNCIAS

ASCURI. *Jerosy Puku, O Grande Canto*, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jOZwf6PIUM>>. Acesso em: 26/11/2019.

AUMONT, Jacques. *Moderno? Por que o cinema se tornou a mais singular das artes*. Campinas/SP: Papyrus, 2008.

BARROS, José d'Assunção. *Cinema e história – as funções do cinema como agente, fonte e representação da história*. Revista digital Ler História, 2007. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/lerhistoria/2547>>. Acesso em: 25/11/2019.

BANIWA, Gersem. *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Série Vias dos Saberes no 1. Brasília, 2006.

BERNARDET, Jean-Claude; RAMOS, Alcides Freire. *Cinema e história do Brasil: Contexto, 1988*.

BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CARVALHO, Ana; MORAES, Fabiana; CARELLI, Vincent. *A luta do cinema indígena*. IN: REVISTA ZUM 12. Publicado em> 30 de junho de 2017. Disponível em: < <https://revistazum.com.br/revista-zum-12/entrevista-carelli/>> Acesso em 14/05/2020.

CONCIANZA, Admilson. JAKAIRA: Dono do milho branco. In: PÊNĀHĀ - Coletivo de Cinema Maxakali do Pradinho, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tdeMsYq5pk>>. Acesso em: 26/11/2019.

COSTA, Ana Carolina Estrela da. *Cosmopolíticas, olhar e escuta: experiências cine-xamânicas entre os Maxakali*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (Dissertação). 2015.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura em Ciências Sociais*. Lisboa, 2004.

DANTAS, Fernando Antonio de Carvalho. *Os povos indígenas brasileiros e a “Cidadania Ativa”*. IN: Revista do Programa de Mestrado em Ciência Jurídica, da FUNDINOPI / Centro de Pesquisa e Pós-Graduação (CPEPG), Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação (CONPESQ), Faculdade Estadual de Direito do Norte Pioneiro. n. 5 – Jacarezinho, 2005, pp. 180-194.

ESCOLA DE CINEMA DARCY RIBEIRO. *Entrevista Ademilson Concianza*, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-qCrBa9ibM0>>. Acesso em: 25/11/2019.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

G1. *Antropologia e Relativismo Cultural*. Disponível em: <<http://educacao.globo.com/sociologia/assunto/diversidade-cultural/antropologia-e-relativismo-cultural.html>>. Acesso em: 25/11/2019.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JOÃO, Izaque. *Jerosy Puku*. Pisegrama, Belo Horizonte, 2013.

JOÃO, Izaque. *Jakaira Reko Nheypyrū Marangatu Mborahéi: origem e fundamentos do canto ritual Jerosy Puku entre os Kaiowá de Panambi, Panambizinho e Sucuri'y, Mato Grosso do Sul*. Programa de PósGraduação em História da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados (Dissertação). 2011.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Raça e História*. 8ª Ed. (2006). Rio de Janeiro: Editorial Presença, 1952.

LOPES, A. L.; CORRÊA, D. *O multiculturalismo e os direitos fundamentais dos povos indígenas: a luta pela igualdade no Brasil da intolerância*. Revista Ciên. Jur. e Soc. da Unipar. Umuarama, jul./dez. 2008.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. *A cidadania e os índios*. In: COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO. O índio e a cidadania. São Paulo: Brasiliense, 1983.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Campinas/SP: Papyrus, 2013.

MARE'S, Carlos Frederico. "A Cidadania e os índios" In O Índio e a Cidadania, Comissão Pró-Índio/SP, pp. 44-51. São Paulo, Brasiliense, 1983.

MATTA, Roberto da. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1981.

NUNES, Karliane Macedo; SILVA, Renato Izidoro da; SANTOS SILVA, José de Oliveira. *Cinema indígena: de objeto a sujeito da produção cinematográfica no Brasil*. Polis [Online], 38 | 2014, posto online no dia 05 setembro 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/polis/10086>>. Acesso em: 06/05/2020.

UNESCO. *Launch of the Online Indigenous Film Festival*, 2019. Disponível em: <<https://en.iyil2019.org/newsletter/launch-of-the-online-indigenous-film-festival-ioff/>>. Acesso em: 25/11/2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

I

Indígenas Karipuna 258

L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

O

Oralidades 119

P

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34

R

Resistências 90, 132, 144, 271



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020